

**CENTRO PAULA SOUZA
ETEC PAULINO BOTELHO
Técnico em Administração**

**Amanda Izaura Posca
Ângela Gonçalves Silva
Eike Matheus Campanini
Melissa Novaes Bernardi**

**GESTÃO DE RISCO EM MICROEMPRESAS DA CIDADE DE SÃO
CARLOS – SP: uma análise durante a pandemia de Covid-19.**

São Carlos

2021

Amanda Izaura Posca
Ângela Gonçalves Silva
Eike Matheus Campanini
Melissa Novaes Bernardi

**GESTÃO DE RISCO EM MICROEMPRESAS DA CIDADE DE SÃO
CARLOS – SP: uma análise durante a pandemia de Covid-19.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso Técnico em
Administração da ETEC Paulino Botelho,
orientado pelo Prof. Jônatas Rodrigues
da Silva, como requisito parcial para
obtenção do título de Técnico em
Administração.

São Carlos
2021

Agradecimentos

As nossas famílias, parceiros e amigos, por serem nosso pilar e força.

Ao nosso dedicado orientador, Jônatas, por nos guiar tão bem ao fim dessa jornada.

Aos nossos colegas de turma, pelo apoio direto ou indireto.

Aos participantes da entrevista que tiveram a coragem de compartilhar conosco informações que serviram como base para elaboração deste trabalho. Obrigado e muito sucesso na jornada de cada um de vocês.

A Flavia Bernardo, que nos deu ótimas dicas e clareou nossas mentes em tempos nebulosos e de dúvidas.

Aos nossos professores, desde o Ensino Fundamental até aqui, por nos mostrarem uma profissão apaixonante e por mediarem todo o conhecimento adquirido.

RESUMO

Mediante aos cenários de isolamento e quarentena durante a pandemia do novo Corona vírus, a população sofreu consequências imprevisíveis, como o fechamento instantâneo do comércio em geral, deixando aberto apenas serviços essenciais, como por exemplo, supermercados, postos de combustível, farmácia e bancos, fazendo com que afetasse negativamente os microempreendedores e as micro e pequenas empresas (MPEs) no Brasil. O objetivo central do trabalho é abordar e analisar se as pequenas e micro empresas da cidade de São Carlos compreendem o que é a gestão de riscos e se elas colocam em prática essa estratégia em seus ambientes de trabalho. Após a análise das respostas das três empresas escolhidas, concluímos que apesar das empresas não conhecerem o conceito de gestão de risco, eles concordam que é muito importante adotar um plano de precaução e fazer uma reserva financeira para futuros imprevistos.

Palavras Chaves: Gestão de Riscos. Pandemia. Microempresa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19 – Coronavirus Disease-19 (Doença de Coronavírus 2019)

MEI – Microempreendedor individual

MPEs – Micro e pequenas empresas

OMS – Organização Mundial da Saúde

PIB – Produto Interno Bruto

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2. METODOLOGIA..... | 10 |
| 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 12 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 21 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 22 |
| 6. APÊNDICE..... | 23 |

1. INTRODUÇÃO

Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus, o SARS-CoV-2 (em português, coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2), identificado em Wuhan na China, causador da COVID-19 (Doença do Coronavírus 19), sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa globalmente (BRASIL, 2020).

A COVID-19 é uma doença que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório (BRASIL, 2020).

Dentre os sintomas da COVID-19, alguns são: tosse, febre, coriza, dor de garganta, dificuldades para respirar, perda de olfato, alteração do paladar, entre outros. Sua transmissão se dá através de contato próximo de uma pessoa doente para com uma saudável, por meio de: aperto de mãos, gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro ou objetos contaminados (BRASIL, 2020).

O surto da COVID-19 já alcançou cerca de 200 países, vitimando mais de 3,8 milhões de pessoas, com um número total de casos superior a 177 milhões. No Brasil, até o momento, já são 17,5 milhões de casos confirmados e 491 mil mortes (BRASIL, 2020). Em São Carlos – SP, cidade deste estudo, foram confirmados 21316 casos e 403 óbitos (SÃO CARLOS, 2020). Como forma de desacelerar o contágio e seguindo as orientações do Ministério da Saúde e as determinações dos governos federais, estaduais e municipais, foi determinado o isolamento social (OLIVEIRA, 2020).

Diante dos cenários de isolamento e quarentena, a população passou a sofrer consequências inesperadas, como o fechamento imediato dos comércios, deixando aberto apenas serviços essenciais (alimentação, saúde, bancos, abastecimento,

limpeza e segurança), o que afetou negativamente os MEIs e as MPEs no Brasil, especificamente em São Carlos – SP, objetos de pesquisa deste estudo.

De acordo com o Portal do Empreendedor (S.d.), o microempreendedor individual, ou MEI, é o pequeno empresário que deve atender as seguintes condições: a) ter um faturamento anual limitado a R\$ 81.000,00 por ano; b) não participar como sócio, administrador ou titular de outra empresa; c) ter no máximo um funcionário e d) exercer as atividades econômicas previstas no Anexo XI da Resolução CGSN nº 140, de 2018, o qual relaciona todas as atividades permitidas ao MEI.

Já as microempresas, segundo a Lei Geral que as regulamenta, são as que possuem receita anual bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00, limitando o número de funcionários a no máximo nove no caso de comércios e serviços, e dezenove no caso de setores industriais ou de construção. As pequenas empresas devem apresentar receita bruta anual superior a R\$ 360.000,00 e igual ou inferior a R\$ 4.800.000,00, e empregar de dez a quarenta e nove funcionários no caso de comércios e serviços, e de vinte a noventa e nove no caso de setores industriais ou de construção (SEBRAE, S.d.).

O advento da pandemia do Novo Coronavírus tem causado uma desestruturação na economia mundial, pois muitas empresas, lojas e comércios tiveram que encerrar momentaneamente suas operações e outros tiveram que atuar de forma limitada (OLIVEIRA, 2020). O Brasil, atualmente, contabiliza 15 milhões de pequenas empresas, que representam cerca de 30% do PIB nacional (OLIVEIRA, 2020).

Os micros e pequenos negócios já são os principais geradores de riqueza no comércio brasileiro (53,4% do PIB deste setor) e em relação ao emprego, as MPEs representavam 44% dos empregos formais em serviços, e 70% dos empregos gerados no comércio (OLIVEIRA, 2020). Já no PIB do setor industrial, a participação das micro e pequenas empresas (22,5%) já se aproximam dos médios negócios (24,5%). E no setor de serviços, mais de um terço do PIB nacional (36,3%) provem das pequenas empresas (OLIVEIRA, 2020).

Devido a sua importância para a economia brasileira, e em meio a um cenário delicado e extremamente desfavorável, as MPEs e os MEIs viram seus negócios colapsarem. A partir desta perspectiva, o objetivo principal deste trabalho é analisar

como se comportaram estrategicamente e economicamente três negócios na cidade de São Carlos – SP em relação ao período de enfrentamento ao COVID-19. Nosso objetivo específico é identificar se houveram planos de contingência ou estratégias de planejamento em gestão de crise e riscos para enfrentar o momento atual.

Segundo Oliveira (2013, apud ROCHA, 2019, p.14) o planejamento estratégico é uma metodologia administrativa que permite estabelecer a direção a ser seguida pela empresa, e visa uma maior interação do ambiente em que está inserida, considerando fatores externos e não controláveis a empresa. O autor ainda destaca que o planejamento estratégico deve considerar toda a empresa e não apenas uma de suas partes.

Para atingir os objetivos, o trabalho está organizado em quatro seções. A primeira, uma introdução para contextualizar o histórico teórico da pesquisa. Em seguida, os procedimentos metodológicos utilizados, seguido por mostrar e discutir os resultados encontrados. E finalmente, organizar as conclusões sobre o presente trabalho.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo, iremos informar quais os métodos foram utilizados para realizar a nossa pesquisa, qual o instrumento usado para a coleta de dados, o cenário e os indivíduos participantes da investigação. O presente estudo refere-se a uma pesquisa qualitativa, de caráter investigativo com três micros e pequenas empresas na cidade de São Carlos – SP.

Para Guerra (2014, p. 11), na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Segundo Guerra (2014, p. 11), há três elementos fundamentais em um processo de investigação qualitativo: a interação entre o objeto de estudo e o pesquisador, o registro de dados ou informações coletadas durante a pesquisa e a interpretação/explicação do pesquisador.

A escolha dessas empresas foi dada a partir da compreensão de que esses comércios são capazes de fornecer informações importantes para futuros projetos e ações interventivas nesse período de Pandemia. Além disso, são estabelecimentos já conhecidos pelos integrantes deste grupo.

Dentre as técnicas de coleta de dados qualitativos, a entrevista semiestruturada foi a escolhida para este trabalho. Segundo Richardson (2015, p. 208), o termo entrevista é constituído das palavras entre e vista, vista referindo-se ao ato de ver, ter preocupação de algo e entre indicando relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas, logo, entrevista refere-se ao ato de perceber, realizado entre duas pessoas.

As entrevistas com os donos das empresas foram marcadas pelo aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp®, reforçando assim a necessidade do distanciamento social. As perguntas foram mandadas individualmente, e foi pedido que elas fossem respondidas por áudio ou mensagens de texto, um meio de preservar a resposta e facilitar a transcrição das mensagens. Dois dos entrevistados preferiram responder as perguntas através de mensagens de texto. Para a transcrição, utilizamos

o software Voicemeeter®, que funciona como um tradutor em tempo real de mensagens de voz.

Nós do grupo pesquisamos três micros e pequenas empresas da cidade de São Carlos – SP, que se depararam com uma crise econômica nunca vista antes, devido a Pandemia do COVID- 19. Decidimos explorar 3 tipos de cenários diferentes e que permearam as microempresas estudadas durante a Pandemia:

- 1 – Empresa que se manteve no comércio com poucas mudanças de estratégias;
- 2 – Empresa que precisou se reinventar para se adaptar a esse novo cenário;
- 3 – Empresa que faliu após o começo da pandemia.

Para a análise e coleta de dados, elaboramos 10 perguntas básicas através de uma entrevista semiestruturada, que pode ser vista no Apêndice 1, voltadas ao tema Gestão de Riscos, procurando investigar o nível de conhecimento que essas empresas têm em relação a esse assunto e o quão importante é para o sucesso do seu negócio.

Foi informado aos entrevistados que a pesquisa contava com um compromisso de confidencialidade, para fins estritamente acadêmicos, e que se tratava de uma entrevista não obrigatória e voluntária. Afim de garantir a preservação de suas identidades, atribuímos para cada um deles nomes de Estabelecimento 1, 2 e 3. Para simplificar a escrita, mencionaremos E1, E2 e E3.

Após a coleta de dados, todas as informações foram separadas e organizadas por empresa e após esse processo as respostas foram analisadas e transcritas para um melhor estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos esta seção ressaltando que, em hipótese alguma, esta pesquisa tem o intuito de comparar quais estabelecimentos se comportaram e enfrentaram “melhor ou pior” os tempos de Pandemia atualmente vividos, mas sim apresentar e discutir de que maneira três estabelecimentos da cidade de São Carlos – SP o fizeram, e se esses mesmos lugares conheciam e, principalmente, aplicavam os conceitos de Gestão de Riscos.

O isolamento e o distanciamento social, duas das medidas de prevenção contra o COVID-19 proposta pela OMS, obrigou as empresas a tomarem atitudes drásticas e em uma velocidade rápida, visto que, por um determinado período, os comércios teriam que ser fechados afim de respeitar tais medidas e conter a disseminação do vírus, período esse conhecido como quarentena.

De acordo com a OMS (2020), a quarentena de pessoas é a restrição de atividades ou a separação de pessoas que não estão doentes, mas que podem ter sido expostas a um agente ou doença infecciosa, com o objetivo de monitorar seus sintomas e garantir a detecção precoce de casos.

Consequente a isso, os estabelecimentos e suas gerências tiveram que adotar novas técnicas e considerar novos planos de ação para se manterem abertos ofertando seus produtos e serviços.

Este trabalho buscou analisar três cenários diferentes em relação a como as micro e pequenas empresas aqui estudadas se comportaram durante a Pandemia de COVID-19. O primeiro cenário é de um estabelecimento que não precisou mudar, ou mudou muito pouco algum tipo de estratégia para se adequar as mudanças da Pandemia. O segundo cenário é de um estabelecimento que precisou se reinventar, em um ou mais pontos, para se adequar ao atual momento. O terceiro e último cenário é de um estabelecimento que não conseguiu se manter, e por consequência, precisou ser fechado. É possível observar no quadro 1 os estabelecimentos e o cenário a qual eles se encaixam.

Quadro 1: Os estabelecimentos e os cenários da pesquisa.

| | Cenários da pesquisa |
|--------------------------|-----------------------------|
| Estabelecimento 1 | Não mudou/mudou muito pouco |
| Estabelecimento 2 | Se reinventou |
| Estabelecimento 3 | Foi a falência |

Fonte: Do autor (2021).

A primeira pergunta da entrevista buscava saber o nome verdadeiro das empresas. Como zelamos por um processo confidencial, optamos por fazer essa pergunta para conhecer o estabelecimento em si e para constar em nossos arquivos de áudio e texto o nome real das empresas, para comprovar a veracidade da pesquisa e que aquela empresa participou efetivamente deste estudo.

O quadro 2 a seguir é composto pelas respostas da segunda pergunta de nossa entrevista e mostra os três estabelecimentos, o ramo ou setor que atuam ou atuavam e a quanto tempo estão ou estiveram em atividade no mercado.

Quadro 2 – Informações gerais sobre os estabelecimentos.

| | Ramo/setor que atua | Tempo de atividade (em anos) |
|--------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|
| Estabelecimento 1 | Produtos eletrônicos e Informática | 40 |
| Estabelecimento 2 | Turismo | 3 |
| Estabelecimento 3 | Relojoaria/Ótica | 35 |

Fonte: Do autor (2021).

Com a pergunta número 3 “quais atividades desenvolvem/desenvolviam na empresa? Explique que tipo de comércio e o período das atividades”, nos concentramos em conhecer o dia a dia de trabalho desses estabelecimentos, e as atividades diárias. Isso nos aproxima da empresa enquanto espectadores, e nos permitir conhecer a rotina delas para fazer questionamentos apresentados nessa discussão.

Os E1 e E2 funcionam e o E3 funcionava em horário comercial, de segunda a sexta, das 9h da manhã até as 18h, e aos sábados, das 9h ao 12h. O E1 realiza gerenciamento técnico e manutenção em impressoras, e entre as atividades estão: manutenção em geral, limpeza de peças; troca de cartucho de tinta, inspeção de componentes; regulagem e lubrificação de peças, entre outros. O E2, por ser uma

agência de turismo, oferece aos clientes venda de pacotes aéreos e todos os serviços inclusos (passagens, hotéis, alimentação, traslados, etc.); venda de excursões; venda de cruzeiros; locação de veículos e venda de seguro viagem.

Já o E3, que fazia venda e manutenção de relógios e óculos/lentes realizava atividades como: conserto de relógios antigos e de óculos; ajuste facial dos óculos no rosto; troca de baterias e peças em geral; montagem de lentes de contato e de grau; venda de armações; venda de joias e alianças; arrumação de fechos; venda de artigos de decoração e objetos de louça.

É importante destacar, cada uma em seu segmento e setor atuante, a importância e necessidade das pequenas e microempresas para a economia do Brasil. Segundo o Sebrae (2014), as MPEs representam 94% das atividades de serviço e 98% das atividades de comércio no Brasil. Em 1985, representava 21% de todo o PIB do Brasil, e, ao fim de 2011, saltou para 27%. Além disso, emprega 70% dos empregos gerados no comércio e 44% dos empregos formais, ou seja, os com carteira assinada.

Na pergunta 4, pudemos encontrar diferentes problemas e contratemplos enfrentados pelos donos das empresas, principalmente no que se refere aos Estabelecimentos 2 e 3. A agência de turismo, E2, viu suas vendas caírem consideravelmente, visto que, com a loja fechada, e por ser um serviço não essencial para as pessoas, muitos dos possíveis clientes focaram em coisas mais urgentes do que viagens. O mesmo cenário pode ser observado no E3, a partir da fala do entrevistador:

E3: Quando “tá” tudo muito caro as pessoas compram comida, gasolina, pagam aluguel. Relógio é supérfluo, joia é supérfluo e óculos não é supérfluo, mas as vezes a pessoa escolhe comer bem e enxergar mal. Aí você vende menos ainda, enfrenta a concorrência. As vendas foram diminuindo, vendia uma aliança ou um óculos por semana.
Então já estávamos ruins, aí veio a pandemia e fecha as portas.

O E2 também pontua a grande quantidade de devolução e cancelamento de contratos já fechados ao longo dos meses, visto que, em quarentena, todos os pontos e destinos turísticos estavam fechados, e conseqüente a isso, a devolução de uma

parte do dinheiro já investido. O E1 relatou que encontrou pequenos problemas em relação a trabalhar com as “portas fechadas” e que um de seus funcionários infelizmente testou positivo para COVID, mas que depois de estar bem, tudo foi resolvido e as medidas de prevenção foram redobradas. O E3 declarou que foi preciso usar uma quantia em dinheiro de sua poupança pessoal para dar uma sobrevida ao negócio:

E3: Então eu não tinha mais capital “pra” pagar meus custos, comecei a tirar da minha poupança pessoal, comecei a falir e não teve jeito.

E1: Um dos nossos funcionários testou positivo para o novo Corona vírus, mas felizmente enfrentamos juntos esse obstáculo e nos dias de hoje, todos da loja estão bem e tomando as devidas precauções.

Schreiber, Moraes e Stasiak (2020), ao estudarem 207 micros e pequenas empresas na cidade de Porto Alegre – RS, através do banco de dados disponível no Simples Nacional, chegaram à conclusão que 76,19% das empresas tiveram seu faturamento reduzido durante a Pandemia, e que apenas 4% não sentiu tal alteração. Além disso, 52,38% tiveram que fazer ao menos uma redução de seu quadro de funcionários desde o início da crise.

A quinta pergunta buscou conhecer de que maneira as empresas se adaptaram as mudanças provocadas pela pandemia, e mais especificamente se houveram grandes adaptações para tal, como uma nova abordagem de vendas, criação de um site, entrega de produtos e serviços, atendimento diferenciado, entre outros. A resposta dos três estabelecimentos foi unânime: sim, em todos os casos houve pelo menos uma mudança, e em um caso, mudanças consideráveis. O E1, cenário onde as mudanças no geral foram muito pequenas e pontuais, apostou apenas em investir mais nas redes sociais e em atendimento online. Destaca ainda que, ao contrário das outras duas empresas, a procura por seus serviços aumentaram, como se destaca no trecho a seguir:

E1: Tivemos muita procura, pois nosso ramo não teve um grande impacto devido as pessoas estarem de home office e precisarem das suas impressoras para trabalhar.

O E2 aderiu a mudanças grandes, principalmente no que se diz respeito a transição de loja física para home office. Por complicações devido à falta de venda de pacotes de turismo, eles precisaram fechar a loja e devolver a sala onde a empresa funcionava. Com isso, as vendas tiveram que ser feitas 100% online, através de aplicativos ou sites. Contam ainda que precisaram reformular o site e o servidor do mesmo, já que, antes da Pandemia, a grande maioria das vendas era feita de forma presencial, e o site não estava preparado para receber um aumento de clientes/pedidos:

E2: Nós nos adaptamos de forma online, nós trouxemos e criamos os nossos contratos digitais, então não tem mais a necessidade “do” cliente vir até a loja só para fazer a assinatura. A gente consegue atender tudo de forma online, quando é necessário a gente faz chamada de vídeo, nós atendemos inteiramente pelo WhatsApp, pelas redes sociais, se tornou até mais fácil para nós, porque praticamente a gente não precisa nem sair de casa para fazer a venda para os clientes. Porém com a queda nas vendas, nós tivemos que diminuir muitos custos, como foi o caso da devolução do prédio, então nós devolvemos o prédio para que pudéssemos economizar em outras coisas. Nós também estamos formulando o nosso site.

Para a empresa que foi à falência, o E3, não houve muito o que ser feito. Houve uma tentativa de venda online, mas sem sucesso a longo prazo:

E3: Não tivemos muito o que fazer, a gente tinha as redes sociais, e lá a gente divulgava, tinha uma funcionária que postava os produtos. A gente fez promoção, teve um momento que eu “tava” vendendo pelo preço de custo. Não compensava contratar um entregador por que não tinha demanda.

Resultados parecidos podem ser vistos em Oliveira (2020), que analisou dez empresas com atividades nos setores do comércio nas cidades de Mossoró – RN e Fortaleza – Ce. Através de entrevistas semiestruturadas, o trabalho buscou identificar

os impactos e estratégias utilizadas por essas empresas para o enfrentamento em relação a Pandemia. Oito delas fizeram alguma mudança em relação as estratégias perante a crise, e as mais citadas foram: transferência de atendimento presencial para home office, utilização e aperfeiçoamento das redes sociais, antecipação de férias e licenças trabalho, modelos novos de entrega por delivery, investimento em plataformas online, entre outros.

Estudos realizados pelo Sebrae (2020) durante o mês de abril de 2020 com 6.080 pequenos negócios constataram que 31% deles mudaram o modo de funcionamento da empresa durante a Pandemia, e que as principais estratégias adotadas foram: atendimento apenas online, horário reduzido, home office, rodízios de funcionários e sistema de drive thru. Em relação ao faturamento mensal, 87,5% relataram queda, e apenas 2,4% aumento.

As perguntas seis e sete iniciaram o assunto Gestão de Risco, e buscaram conhecer dos entrevistados se eles sabiam o que significa esse conceito, e mais importante, se eles aplicavam ou faziam uso do mesmo em seus negócios. Dos três estabelecimentos, E1 e E3 não souberam responder o que poderia ser Gestão de Risco, e revelaram não aplicar as estratégias de gerenciamento de risco. O E1 se disse disposto a aprender mais sobre o assunto após a explicação do entrevistador.

E1: Não sei te dizer o que é gestão de risco, já escutei, mas não sei do que se trata ao certo. Nunca pensei, mas agora com esse trabalho de conclusão de curso, vou procurar saber mais e me prevenir.

E3: Não sei.

Já o E2 disse conhecer o significado de Gestão de Risco, e ainda disse já ter pensando em aplicar certas estratégias, mas nunca teve a oportunidade de fazê-lo.

E2: Sim, já pensei, mas não tive oportunidade de aplicar.

Segundo Fernandes e Benetti (2014), a gestão de riscos reporta-se à questão de que eventos incertos podem vir a ocorrer e causar prejuízos à empresa e a seus

diversos segmentos. Portanto, uma gestão de riscos eficaz fornece subsídios aos empresários/gestores, auxiliando-os e mostrando os riscos aos quais a empresa está exposta. Em seu estudo com 10 MPEs localizadas na cidade de Chapecó – SC, os autores puderam concluir que 90% das empresas analisadas não se preocuparam em efetuar um gerenciamento de risco para seu negócio, e que, quando os riscos existem, 100% das empresas efetuam a identificação do mesmo de forma intuitiva, sem seguir um modelo ou orientação de Gestão de Risco específica para lidar com os problemas. Além disso, 30% dos entrevistados relataram que a empresa em questão não tinha conhecimento suficiente sobre os riscos existentes.

Um paralelo pode ser feito em ambos os estudos, este e o de Fernandes e Benetti (2014), visto que, das empresas analisadas na cidade de São Carlos, duas nem ao menos sabiam dizer o que é a Gestão de Risco, e uma delas reconhece a existência de possíveis riscos, mas ainda não soube lidar e nem resolver essa questão.

Ampliando esse assunto para uma grande empresa, Meirelles (2018) analisou uma multinacional presente em mais de 80 países, referência em produção de derivados da celulose, através de questionários e pesquisa bibliográfica. Concluiu que a organização não possui uma estrutura centralizada de gerenciamento de riscos, apesar de perceber que a maioria dos entrevistados reconhecem a sua necessidade. Ou seja, não existe uma equipe responsável por gerir possíveis riscos, e conseqüentemente, não existe adoção de um método adequado para a Gestão de Riscos.

A oitava pergunta procurou saber se as gerências das empresas possuíam alguma poupança, especificamente como estratégia para se preparar para um possível risco, como o da Pandemia que enfrentamos. Em todos os três cenários, a resposta foi igual. Sim, havia uma poupança, mas ela foi gasta justamente nesse momento de crise, nesse momento de riscos. De certa maneira, as empresas se mostraram conscientes da importância de uma poupança, e de poupar dinheiro para quando uma adversidade acontecesse, um dos pilares a qual se apoia a Gestão de Risco.

Os estabelecimentos pontuaram que essas poupanças foram usadas para conter os danos e controlar os prejuízos que a Pandemia trouxe aos seus negócios, e que, em um caso, o E3, nem assim foi possível salvar a empresa da falência.

E2: Considero importantíssimo, mas com a crise, todas as minhas economias, foram embora. Tivemos que realizar muitos reembolsos, e sem entrada por conta de não termos novas vendas, tivemos que usar todos os recursos possíveis para continuar com o negócio.

E3: Tive sim poupança, mas acabei gastando tudo na pandemia com salários de funcionários, rescisão de funcionários, pagamento de contas. “Pra” mim mesmo não sobrou nada.

E1: Devido ao remanejamento de numerário para suprir o déficit por causa da pandemia, não tenho esse dinheiro guardado, mas estou ciente que será necessário no futuro voltar a tê-lo como uma reserva estratégica para eventuais surpresas.

A pergunta nove verificou, por um olhar pessoal e de auto avaliação, como os donos das empresas se saíram nesse período de enfrentamento a Pandemia, e além disso, se eles teriam tido alguma estratégia ou plano de ação diferentes dos que tomaram. O E1, com o cenário de poucas mudanças, disse que se saiu bem, na maior parte do tempo, e que foi um período importante para fortalecer o laço entre patrão-funcionário. O E2, que precisou se reinventar, pontuou que passou a ver vários fatores de outra maneira, e que deveria ter dado ênfase para coisas mais importantes, como um caixa para imprevistos. Já o E3, que foi à falência, se arrepende por não ter se adequado as redes sociais e as tecnologias antes da Pandemia.

E2: Como empreendedor eu acho que a nossa cabeça mudou muito, a gente passou a ver algumas coisas que a gente não via antes, gastos desnecessários que a gente não precisava ter. Se eu pudesse fazer algo diferente seria ter tido um caixa maior, para poder me prevenir com relação a esses imprevistos que aconteceram, porque eu não imaginava que iria ser tão longo esse período de pandemia, então eu acho que de repente eu teria feito um caixa maior para poder agir com relação a esses imprevistos que aconteceram.

E3: O que mudou na minha visão é que a gente que tem comércio precisamos nos adequar mais as tecnologias. Hoje em dia tudo é vendido através da internet. Eu preciso aprender a fazer isso também. Se eu tivesse mais conhecimento sobre tecnologias eu teria feito diferente.

Para uma perspectiva futura, e totalmente otimista, a décima pergunta encerrou a entrevista perguntando como os donos das empresas se veem daqui 5 anos, pós Pandemia.

E1: Me vejo fortalecido e com esperança por ter passado por uma experiência inédita para a sociedade, desse século, até então.

E2: A partir do momento que tiver realmente a vacina, vacinado todos, a pandemia tiver se extinguindo, aí sim eu acredito que a gente pode melhorar. Eu acredito que com tudo que a gente veio aprendendo por conta da pandemia, de como utilizar o fluxo de caixa, de como melhorar alguns aspectos, acredito que a gente vai estar bem mais preparado, para fazer as coisas com menos dinheiro, menos riscos e pensar duas vezes sempre antes de fazer qualquer aquisição. Vamos ser empreendedores com mais cabeça, vai acabar comprando menos, vai acabar investido menos, e investido mais no marketing digital, que acho que é o que está em alta hoje.

E3: Eu não sei “pra” te falar a verdade. Eu preciso sentar e pensar. Daqui há 5 anos eu queria estar aposentado, mas infelizmente esse prejuízo que eu tive me deixou sem muitas perspectivas. Espero que essas pesquisas que vocês estão fazendo dê um norte “pra” gente.

Neste trabalho, e através desta entrevista, pudemos conhecer opiniões e concepções de pessoas com bagagens e vivências empresariais diferentes, que se assemelham ou não, mas que puderam compartilhá-las para auxiliar na compreensão de como se comportaram durante a crise econômica e de higiene/saúde proporcionada pela Covid-19.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, buscamos responder a importância de que micro e pequenos empresários careçam de adotar práticas de precaução para gerir eventuais ameaças que possam vir a prejudicar economicamente o funcionamento do seu negócio. Assim como ocorre nesse período inesperado de pandemia mundial, que depende de manobras de contenção e distanciamento social que interferem no funcionamento de empresas consideradas não essenciais para a manutenção da vida.

Constatamos com a análise dessa pesquisa, que as MPEs, abordadas nesse estudo não dominavam o conceito de precaução ou planejamento de gestão de riscos para possíveis eventos catastróficos, e quando investiam em algum tipo de seguro ou poupança é para lidar com situações corriqueiras.

Todos os entrevistados nesse estudo, mesmo não conhecendo o termo Gestão de Riscos, concordaram que é importante adotar um plano de precaução, e pretendem estudar sobre o tema para melhorar o seu desempenho, no enfrentamento de eventos futuros.

Podemos concluir o nosso objetivo em explicar que é necessário para as MPEs, a adoção de estratégias de Gestão de riscos, para dar continuidade dos seus negócios com mais confiança e serenidade, evitando demissões, sem prejudicar os salários e outros benefícios, consequentemente amparando seus funcionários. Sem angústias ao tomarem conhecimento do prazo de duração desses eventos, quando se depararem com tragédias de impactos econômicos tão devastadores como os causados pela pandemia de Covid 19.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. O que é COVID-19. Brasília. 2020. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y4msmno1> >. Acesso em: 29 de outubro de 2020.
- FERNANDES, C. F.; BENETTI, J. E. **Gestão de Riscos em Micro e Pequenas Empresas: Uma Pesquisa na Região Sul do Brasil**. VIII Encontro de Estudos e Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE). Goiânia. 2014.
- GUERRA, E. L. A. Manual de pesquisa qualitativa. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional – Manual para suporte de disciplina EAD). Belo Horizonte. 2014. Disponível em: < www.encurtador.com.br/ehqC1 >. Acesso em: 10 de abril de 2021.
- MEIRELLES, R. **Gerenciamento de risco corporativo e avaliação de maturidade empresarial em gerenciamento de risco corporativo: um estudo de caso na Akzonobel**. 2018. (Dissertação final de Mestrado Profissional em Empreendedorismo).
- OLIVEIRA, A. B. F. **Covid-19: Gestão de crise em tempos de Pandemia**. XXII Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA). São Paulo. 2020.
- OLIVEIRA, C. S. de. A COVID-19 e o impacto econômico nas micro e pequenas empresas. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 06, Vol. 10, pp. 39-56. 2020.
- OLIVEIRA, M. A. Administração estratégica na prática. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2013.
- OMS. Considerations for quarantine of individuals in the context of containment for coronavirus disease (COVID-19): Interim guidance. 2020. Disponível em: < [https://www.who.int/publications/i/item/considerations-for-quarantine-of-individuals-in-the-context-of-containment-for-coronavirus-disease-\(COVID-19\)](https://www.who.int/publications/i/item/considerations-for-quarantine-of-individuals-in-the-context-of-containment-for-coronavirus-disease-(COVID-19)) >. Acesso em: 14 de abril de 2021.
- PORTAL DO EMPREENDEDOR. O que é o Microempreendedor Individual – MEI. (S.d.). Disponível em: < <https://tinyurl.com/y2zfzpqw> >. Acesso em 02 de novembro de 2020.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2015. 328p.
- SÃO CARLOS. Prefeitura de São Carlos. Números COVID-19 São Carlos, boletim Nº 215 – 28/10. Disponível em: < <http://coronavirus.saocarlos.sp.gov.br/> >. Acesso em 29 de outubro de 2020.
- SCHREIBER, D.; MORAES, M. A.; STASIAK, L. O impacto da crise pelo Covid-19 nas micro e pequenas empresas. Revista Vianna Sapiens, v. 12, n. 1, p. 30, 23 fev. 2021.
- SEBRAE. Confira as diferenças entre microempresa, pequena empresa e MEI. S.d. Disponível em: < <https://tinyurl.com/uxpm3zk> >. Acesso em 02 de novembro de 2020.
- SEBRAE. O Impacto da pandemia de corona vírus nos Pequenos Negócios – 2ª edição. 2020. Disponível em: < www.encurtador.com.br/ceBD8 >. Acesso em: 04 de maio de 2020.
- SEBRAE. Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira. 2014. Disponível em: < www.encurtador.com.br/mEXZO >. Acesso em: 04 de maio de 2020.

6. APÊNDICE

1.1. Apêndice A – Entrevista semiestruturada

- 1 – Qual é o nome da empresa?
- 2 – Qual o ramo/setor trabalha, e quanto tempo está ou esteve no mercado?
- 3 – Quais atividades desenvolve/desenvolvia na empresa? Explique que tipo de comércio e o período das atividades.
- 4 – Quais problemas ou contratempos a empresa enfrentou durante a pandemia de Covid-19?
- 5 – De que maneira a sua empresa se adaptou as consequências que a pandemia trouxe? Você adotou uma nova estratégia de vendas, divulgação, procura de clientes? Exemplos: Abriu um site, começou a vender pela internet, etc.?
- 6 – Você sabe o que é gestão de riscos?
- 7 – Você já pensou em fazer uma gestão de risco no seu negócio como garantia?
- 8 – Você tem alguma poupança para emergências? Considera importante fazer essa poupança?
- 9 – Como empreendedor, como você acha que se saiu nesse período de pandemia? Mudou a sua visão como negócio? Você teria feito diferente?
- 10 – Em relação ao novo normal, como você se considera daqui há 5 anos?